

CURSO

currículos

inovadores

oportunidade para as IES
diante da revolução pós-digital

MÓDULO I

Quebra de paradigmas e novas habilidades

O escritor e historiador israelense Yuval Harari, na sua obra *21 lições para o século XXI*, conduz o leitor à reflexão sobre o que manterá a espécie humana relevante sob vários aspectos – entre eles, a Educação. Fazendo referência a questões aqui apresentadas, o autor pondera que a última coisa que um professor precisa dar aos seus alunos é informação. Para ele, o que se deve construir é a capacidade de extrair sentido em uma informação, de saber distinguir o que é importante do que não é e – mais do que tudo – de combinar os múltiplos fragmentos de informação em algo contextualizado na realidade do mundo.

Muito já se fala sobre a construção dessas capacidades. No entanto, poucas são as instituições de ensino que de fato levam isso para seus currículos e projetos pedagógicos. Em muitos aspectos, continuamos reproduzindo a escola do século XIX.

A escola como conhecemos hoje nasceu no auge da Revolução Industrial, em meados do século XIX. Muitos países da Europa e parte dos Estados Unidos começaram a implantar um sistema público de educação que atendesse às demandas do novo modo de produção. A pioneira na Europa foi a Hungria, em 1868, seguida por Áustria, Inglaterra, Suíça, Holanda, Itália e Bélgica. Nos EUA, alguns estados do sul haviam iniciado esse processo em 1865.

No livro *Libertando o poder criativo*, do escritor inglês Ken Robinson, é possível ver como foi elaborada essa lógica, moldada para responder às demandas da época e atender aos anseios de uma classe média nascida em uma sociedade recém-industrializada: preparar os jovens para dar vida longa à Revolução Industrial.

O escritor e futurista Tiago Mattos, em seu livro *Vai lá e faz*, discorre sobre algumas características e distinções do que seriam o pensamento industrial e o pensamento digital:

Linearidade: claramente atrelada à lógica da linha de montagem, em que só é possível executar o passo 2 depois de concluído o passo 1, o passo 3 depois do passo 2, e assim sucessivamente. A evolução dos colaboradores dessa indústria parte de um ponto inicial, crescendo numa linha ascendente de posições a serem ocupadas.

Segmentação: na lógica do pensamento industrial, cada tarefa é realizada por um grupo de pessoas separadas fisicamente em departamentos responsáveis por partes específicas do processo.

Repetição: uma pessoa realiza a mesma tarefa várias vezes ao longo do tempo, até se tornar especialista. Isso tem a ver com o pensamento industrial, que prezava pela capacidade e pela velocidade de produção.

Previsibilidade: no pensamento industrial, cada passo da linha de montagem é predeterminado, de tal forma que cada setor/pessoa sabe como deve receber uma parte do produto e como deve entregar ao próximo setor/à próxima pessoa, até que todo o processo de produção seja cumprido.

Não linearidade: no pensamento digital, dada a profusão de informações, existem inúmeras possibilidades de combinação de elementos que surgem ao longo do caminho, ou seja, iniciar no passo 1 não significa que a próxima etapa será a 2. O próprio objetivo pode mudar ao longo do caminho, gerando aprendizados novos em cada passagem.

Multidisciplinaridade: a era digital trouxe a possibilidade de se aprender sobre qualquer coisa a partir de combinações entre as diversas áreas, trazendo soluções criativas diante da realidade também diversa.

Imprevisibilidade: o pensamento digital traz na sua base a ideia de exponencialidade. Quando algum evento ocorre a ponto de não se conseguir controlar os seus impactos, acontece a ligação direta à aleatoriedade, volatilidade e imprevisibilidade.

Conectividade: No pensamento industrial era possível ao indivíduo viver isolado em suas tarefas, seus saberes e seu círculo de pessoas. No mundo digital, não se faz praticamente nada sem estar conectado a um aplicativo, uma plataforma ou mídia social.

Percebe-se, pelas características do pensamento digital e pela mudança de paradigma em relação ao pensamento industrial, que as instituições de ensino devem acompanhar o movimento VUCA, preparando indivíduos com altas habilidades, que quebrem as barreiras do pensamento industrial. Instituições de



ensino que continuarem construindo hábitos baseados em centralização, conformidade, padronização, medição de desempenho de aprendizagem simplesmente pela escala numérica e com troca de saberes em ambientes fechados e pouco atraentes estão fadadas a perderem sua relevância.

O autor Yuval Harari, em seu ensaio sobre Educação, apresenta o que muitos especialistas em Pedagogia entendem ser a demanda para a manutenção da relevância das instituições de ensino em um mundo VUCA: os quatro Cs (criatividade, comunicação, colaboração e pensamento crítico – *critical thinking*).

Trata-se de um conjunto de habilidades necessárias para viver em um mundo no qual as inovações geram profundas rupturas em mercados antes considerados sólidos. Nesse sentido, é urgente a construção de comportamentos, habilidades e competências cada vez mais valorizadas pelo mercado de trabalho, em que criatividade, adaptabilidade, iniciativa e liderança são as palavras de ordem. Os quatro Cs são amplamente discutidos na obra da pedagoga Cathy Davidson, *The new education: How to revolutionize the university to prepare students for a world in flux*.

Essa modelagem tem servido de norte para as instituições de ensino que objetivam inovar no processo de ensino-aprendizagem. Gestores educacionais e professores estão redesenhando os currículos e a forma de trabalhar os objetivos de aprendizagem, procurando alcançar novos comportamentos e hábitos para que os alunos desenvolvam essas quatro competências.

As tecnologias digitais desempenham papel importantíssimo na elaboração de processos pedagógicos coerentes e relevantes ao contexto atual. O ensino híbrido e as metodologias ativas são potencializados quando seu uso envolve o domínio das tecnologias digitais, tanto pelo professor quanto pelo estudante.

Referência bibliográfica:

DAMAS, Maximiliano; VILAS-BOAS, Patrícia. Lições sobre o Século XXI: reflexões sobre as complexidades da Educação Superior na contemporaneidade. **Estudos: Revista da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior**, Brasília, v. 32, n. 44, p. 21-23, maio. 2020. Disponível em: <https://abmes.org.br/editora/detalhe/110> Acesso em: set. 2020.

